

Cadastro

Cadastre-se e receba informativo eletrônico e avisos de eventos.

08 Diversos

Fundação Luís Eduardo Magalhães
Assessoria de Comunicação

Folha
27 de n

Home

Fundação

Notícias

Eventos

Editais

Biblioteca

Sub-sites

Contato

Memorial

Retrato do Brasil - Pobreza teve queda em 20

Número de domicílios sem renda recuou e massa salarial registrou elevação, com crescimento de 3,3% no emprego
PEDRO SOARES e ANTONIO GOIS - Dois dados relevados

(Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) indicam que o país teve queda em 2004. Um deles é a redução de 22,4% no número de domicílios que não tinham renda de 2003 para 2004. O outro é a expansão de 3,3% na massa salarial dos trabalhadores.

Em 2003, o Brasil tinha 716 mil famílias que não dispunham de fonte de renda. O número caiu para 585 mil.

Embora a renda média do trabalhador tenha ficado estável em 2004, o emprego cresceu 3,3%, o que fez subir o bolo dos salários. Em 2004, a remuneração vinda do trabalho injetava mensalmente na economia cerca de R\$ 58,8 bilhões. Esse valor subiu para R\$ 60,8 bilhões, segundo dados extraídos da Pnad.

Para Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV (Getulio Vargas), houve uma queda significativa na pobreza. "A pesquisa trouxe notícias muito boas. O aumento do emprego, da massa salarial e a inclusão de domicílios com rendimento vão revelar que a miséria teve uma queda que não foi pequena em 2004", afirmou.

Para Neri, o enfoque dado de que o rendimento ficou estagnado foi equivocado. O mais importante, diz ele, é o aumento da massa salarial.

A massa salarial é calculada a partir do número total de empregados multiplicado pelo rendimento médio. Em 2003, havia 80,163 milhões de trabalhadores no país. O número chegou a 82,816 milhões em 2004, um crescimento de 3,3% de um ano para o outro.

Neri afirmou que a distância entre ricos e pobres caiu e que o país retrocedeu de 2003 para 2004. Amanhã, a FGV lançará a pesquisa "Miséria em Queda", que apontará a redução da pobreza. Um dos indicadores a serem divulgados é justamente o recuo do número de domicílios sem rendimento.

Dos 49,712 milhões de domicílios em 2003, 1,5% não tinham fonte de rendimento, seja do trabalho, de pensões ou aposentadorias, investimentos financeiros, aluguéis ou de programas sociais.

Já em 2004, 1,1% dos 50,956 milhões de lares estava nessa situação. A evolução parece pequena à primeira vista, mas Neri afirma que, em apenas um ano, é um crescimento significativo. Segundo o economista, um dos motivos para a queda dos lares sem rendimento é o aumento da cobertura do programa Bolsa-Família, que atingiu cerca de 8 milhões de famílias.

Talvez mais importante, porém, foi a própria expansão do emprego.

ano de 2004 foi espetacular para o mercado de trabalho. A criação de 2,7 milhões de empregos é um dado impressionante."

Desde a década de 90, a média anual de abertura de postos tem oscilado na casa de 1,5 milhão.

Para Neri, a evolução favorável do emprego, a expansão da renda, o aumento dos salários, a diminuição de famílias desprovidas de renda e o aumento do real do salário mínimo fizeram cair o índice de Gini, medida de desigualdade.

O índice que mede a distribuição do rendimento dos domicílios recuou de 0,545 em 2003 para 0,535 em 2004. Apesar disso, o Brasil continua tendo uma das piores distribuições de renda do mundo.